



A vida religiosa nos Impérios Ibéricos

Dr.^a Amanda Dias de Oliveira Costa¹
Prof.^a Dr.^a Rozely Menezes Vigas Oliveira²

A revista *Em Perspectiva*, em seu v. 8, n. 2 (2022), abre espaço para pensar a História a partir do estudo da religião e seus impactos na sociedade. Compreendemos que a religião é considerada uma das bases estruturantes das sociedades, principalmente, as do Antigo Regime. As instituições religiosas católicas, masculinas e femininas, nos impérios ibéricos estiveram no cerne dos aspectos político, social, econômico e cultural, exercendo uma larga influência sobre esses domínios. Alguns historiadores, como Serge Gruzinski, defendem que embora múltiplas, as histórias estão conectadas por interesses comuns ou pela comunicação entre si. Por meio do conceito de “mundialização ibérica” (GRUZINSKI, 2014 e 2021), em que diferentes e distantes regiões, pessoas e ideias são pensadas com base na análise de suas conexões, permeabilidades, similitudes e especificidades, a Igreja católica pode ser vista como um forte elo entre as histórias dos vastos impérios português e espanhol.

Ao almejar manter-se distante das “armadilhas do eurocentrismo”, o dossiê proposto tem o intuito de reunir trabalhos voltados à multiplicidade da vida religiosa nos impérios ibéricos a partir do Concílio de Trento. Dentro de um extenso recorte temporal e espacial, que vai desde o século XVI até a segunda metade do século XX, os artigos aqui presentes perpassam pelos quatro cantos dos Impérios português e espanhol e os ultrapassam até chegar ao Brasil contemporâneo da década de 1960. O objetivo deste dossiê, portanto, é não apenas salientar a formação, o desenvolvimento e a fundação de casas religiosas e o impacto que as ordens religiosas e o clero secular causaram em Portugal, Espanha e em seus territórios coloniais – relacionando-se com os povos nativos e se estabelecendo como instituições multifacetadas nessas sociedades –, mas também refletir sobre as diferentes formas de vida religiosa vivenciadas nesse amplo território e as suas resistências e interações perante o domínio patriarcal da Igreja de Roma. Outro aspecto importante neste dossiê é o de dar enfoque às mais

¹ Doutora em História Social (PPGHIS-UFRJ). Investigadora do Centro de Estudos Globais e da Cátedra Unesco da Universidade Aberta (UAb).

² Doutora em História Social (UERJ-FFP). Pesquisadora e professora no Pós-doutorado em História da Ásia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP).



atuais pesquisas históricas e historiográficas, que discutem temáticas voltadas às relações sociais, políticas, econômicas, culturais e eclesiásticas e que apresentam novas reflexões acerca das identidades, das representações e das construções simbólicas que marcaram as diferentes sociedades deste longo período. A temática sobre a vida religiosa vem ganhando espaço no meio acadêmico, e através desta oportunidade buscamos incentivar a divulgação de estudos sobre as relações de poder presentes na vida religiosa de diferentes grupos populacionais e culturais, que trouxeram à tona aspectos importantes e pouco conhecidos.

Os artigos, que compõem este dossiê, possuem um ponto em comum, merecedor de nossa atenção. Os autores aplicam uma perspectiva metodológica, com base na análise dos discursos dos escritos da época, que retratam uma visão social e política, por meio de diferentes aspectos religiosos do período moderno e contemporâneo da nossa História. Inicialmente, o trabalho de Rodrigo Franco da Costa, proporciona uma análise política dos escritos do frei Timótheo Pimentel durante o período da Guerra de Restauração (1640-1668), que teve por objetivo central trazer à tona o papel deste indivíduo como partidário do governo de Portugal Restaurado e sua relação com a população portuguesa, dentro de um contexto de agitação entre o reino lusitano e a Monarquia Católica.

Com um recorte mais contemporâneo, o texto de Ariane de Medeiros Pereira analisa, a partir dos escritos de José de Azevêdo Dantas, o conceito de religião e religiosidade na América portuguesa, especificamente na região dos sertões do Seridó, trazendo reflexões sobre o que se entendia por sagrado e profano. Já Rosyane de Moraes Martins Dutra discorre sobre a Irmandade da Misericórdia do Maranhão, entre os anos de 1850 a 1880. Compreendendo que esta instituição foi criada com o objetivo de exercer na sociedade um papel de assistência aos menos favorecidos socialmente, a autora preocupa-se em fazer uma análise social e institucional da irmandade, tecendo informações de como tal recinto se organizou no momento em que recebeu crianças desvalidas.

Dentro da realidade atlântica setecentista, os trabalhos de Filipe Matheus Marinho de Melo e Sidney Pereira Maia apresentam uma análise historiográfica acerca das irmandades negras. O primeiro texto analisa tais irmandades e suas experiências religiosas no Recife. O autor salienta em seu trabalho a importância que tais espaços tiveram na formação das práticas culturais na região, no momento em que os indivíduos praticavam ritos fúnebres e festejos, mesclando tais cultos com a cultura católica. Por outro lado, o artigo de Sidney Pereira Maia se preocupa em trazer um conhecimento acerca da dinâmica entre as relações socioculturais entre



os ritos católicos e africanos na sociedade do século XVIII. Utilizando como base a obra clássica de Luiz Roberto de Barros Mott sobre a Rosa Egipcíaca (MOTT, 1993), o autor irá desenvolver as razões que levaram a Igreja Católica a permitir as práticas consideradas heréticas no período colonial com o intuito de revelar a forma como inquisidores demonstraram apatia ou desinteresse nestas demonstrações.

Com enfoque nos séculos XVI, os textos de Ximena Isabel León Contrera e Rachel Romano dos Santos discorrem sobre os mulçumanos e os judeus, grupos populacionais intensamente perseguidos pelos ibéricos em seus territórios. Desta maneira, enquanto Contrera debruça-se sobre as práticas cotidianas e religiosas heterogêneas dos mouriscos na Granada da segunda metade do século XVI e começo do XVII, percebendo também o papel de religiosos católicos na conversão desse povo; dos Santos vai analisar a presença de judeus nas praças portuguesas do Magreb, que em detrimento da intolerância e perseguição sofridas no reino e em outras partes do Império Português, nessa região vivenciaram uma relação de diálogo com o governo português, estabelecendo-se como uma ponte entre este e os muçulmanos do Marrocos, apoio para a conquista e manutenção de territórios por parte dos portugueses e sendo respeitados em suas práticas religiosas. Ainda no mesmo recorte temporal, mas no contexto da América hispânica, Ana Carolina Machado de Souza examina uma mudança no discurso eclesiástico sobre a concepção da evangelização do indígena por meio da análise da obra *Breve relación de los dioses y ritos de la gentilidad*, do cura Pedro Ponce de León. Na ótica desses religiosos, o indígena de passivo e colaborativo passou a ser visto como indivíduo de atitudes resistentes, ao reincidir na manutenção daquilo que era considerado idolatrias.

Marcone Carlos dos Santos do Nascimento, por sua vez, traz à luz, a partir da trajetória do religioso da Ordem de São Paulo, Fr. Manuel Calado do Salvador, a vida religiosa católica no território pernambucano entre 1635 e 1646, quando da invasão da West Indische Compagnie, destacando, para além da realização dos sacramentos e ritos da Igreja, a relação com o poder civil tanto português quanto neerlandês e a participação nos conflitos armados do cenário bélico da região. Após traçar um breve panorama sobre a vida religiosa feminina nos Impérios Ibéricos e no Brasil, o artigo apresentado por Ana Livia Vieira Rodrigues nos faz viajar para a década de 1960, quando surgiu a Teologia Feminista, com o objetivo de tratar a influência que os movimentos feministas exerceram nas práticas religiosas das mulheres católicas, principalmente as freiras e o seu convívio com o clero, evidenciando a formação e atividade da ONG Católicas pelo Direito de Decidir. Atravessando o oceano, vislumbra-se o objeto de



pesquisa de Frederico Antonio Ferreira: o relato acerca da coroação do Rei do Congo, escrito pelo missionário capuchinho Denis de Carlo de Piacenza – que percorreu a região de 1666 a 1667 – e compilado pelo geógrafo e cartógrafo britânico John Green no século XVIII. Em sua análise Ferreira percebe a obra como o registro do encontro de culturas diferentes, evidenciando o amálgama e a influência mútua dos ritos e símbolos do catolicismo com as crenças e práticas da religião ancestral do povo congolês e destacando o hibridismo dos elementos de matrizes culturais bastante distintas nesse ritual.

Para finalizar este dossiê, positivamente kaleidoscópico, o artigo de Roberta Cristina da Silva Cruz analisa a obtenção e rejeição da carta de familiar do Santo Ofício, no Rio de Janeiro oitocentista por indivíduos não normativos, homens fora do padrão, que possuíam concubinas e/ou filhos ilegítimos. Com base em casos específicos, a autora percebe como este desvio foi tolerada, ocasionalmente, pelos agentes da Inquisição portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

GRUZINSKI, Serge. *As quatro partes do mundo: história de uma mundialização*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: EDUSP, 2014.

GRUZINSKI, Serge. O historiador e a mundialização. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 106 123, 2021.

MOTT, Luiz. *Rosa Egípcíaca: uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.